

dade que dizem ser a capital do café. Se for derrotado como conto ser, irei provavelmente para Londres por alguns anos, já que quase nada poderei fazer fora do Parlamento, exceto educar o povo através de panfletos e escritos e isso posso fazer melhor de Londres do que daqui”.

“Mandarei ao Senhor os documentos da campanha e os resultados da votação. Pretendo dizer no meu próximo discurso que se for derrotado sofrerei a proscricção e o antagonismo social, que o voto de ostracismo revelará, entre os abolicionistas e os eleitores, com a mesma resignação e paciência com que os escravos agüentam a sua condição intolerável. Num país onde mais de um milhão de homens não têm direito a ter uma família protegida pela lei ou bens particulares, a não ser a grande risco, nem a ver o seu trabalho pago um dia sequer durante a vida, é uma condenação muito suave aquela que me condene a deixar a vida política e dar o meu lugar no Parlamento aos donos dos escravos e aos delegados da escravidão”.

Nabuco termina a carta felicitando Allen pelo grande trabalho que fez no Egito e pede desculpas pela extensão que atingira a sua carta.

A derrota eleitoral foi inevitável como Nabuco contava, mas a viagem à Europa também não se fez esperar. Em 1.º de janeiro de 1882, ele em Londres, escreve já de 32 Grosvenor Gardens, ao seu amigo Allen, a quem sempre trata de “Senhor” (Mr.), com a cerimônia da época, dizendo:

“Aqui estou de novo, pretendendo ficar uns dois anos estudando as instituições inglesas e aproveitando do melhor modo a minha estada no estrangeiro. Envio-lhe o retrato que me pediu e um número do “Abolicionista”, que saiu depois da minha partida. Temos muita coisa sobre que conversar”.

Três dias depois, em 5 de janeiro de 1882, Nabuco manda um bilhete a Mr. Allen, lamentando não ter chegado a tempo de prestar as suas últimas homenagens ao “pobre Mr. Cooper”, um dos colaboradores da Sociedade.

“Ele viveu uma vida nobre, e isto é o melhor que se pode fazer”.